

O emprego formal no CoredeVale do Rio dos Sinos: uma trajetória marcada pela forte retração do emprego industrial

*Sheila Sara Wagner Sternberg**

O Núcleo de Estudos do Trabalho (NET) da FEE vem desenvolvendo estudo sobre a evolução do mercado de trabalho no Rio Grande do Sul, contemplando as distintas trajetórias de suas regiões na última década. O artigo **O Emprego Formal no RS, nos Anos 90: Diferenciais na Retração**, publicado no número anterior da revista **Indicadores Econômicos FEE**, que trata do movimento do emprego no agregado estadual, bem como procura identificar os setores de atividade e as regiões que experimentaram avanço ou retração no contingente de trabalhadores, sintetiza as primeiras evidências do referido estudo. A etapa que se segue incorpora, de maneira mais detalhada, a análise das realidades regionais, utilizando o recorte dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes).

O artigo que ora se apresenta traz os primeiros resultados dessa segunda etapa do estudo. Trata-se de uma primeira sistematização de dados a respeito da trajetória do emprego, dos atributos e do rendimento médio dos trabalhadores no Corede Vale do Rio dos Sinos. A escolha do Vale do Rio dos Sinos deveu-se, fundamentalmente, à grande importância que essa região assume no contexto estadual, tanto no que se refere à parcela pela qual responde na distribuição da mão-de-obra empregada, como também pela expressiva retração no contingente de trabalhadores, notadamente no setor industrial, que experimentou no período 1989-97.

* Engenheira Química, Técnica da FEE.

A autora agradece aos colegas Guilherme Gaspar de Freitas Xavier Sobrinho e Maria Isabel Herz da Jornada, do Núcleo de Estudos do Trabalho (NET), pelo estímulo à realização do trabalho, bem como pela leitura atenta e pelas importantes sugestões à versão preliminar do texto. As imprecisões e equívocos porventura remanescentes são, evidentemente, de responsabilidade da autora.

O Corede Vale do Rio dos Sinos foi o que deteve, ao longo de todo o período 1989-97, o segundo maior contingente de trabalhadores do Estado, abrigando, em 1997, cerca de 13% da força de trabalho gaúcha, com 228.114 trabalhadores formalmente empregados, atrás somente do Corede Metropolitano Delta do Jacuí. A indústria de transformação no Vale do Sinos concentrava, em 1997, cerca de 48% do total de trabalhadores da região — maior contingente nesse setor (110.279 trabalhadores) dentre todos os Coredes. Praticamente um quarto da mão-de-obra industrial do Estado localizava-se no Vale do Sinos. Dos subsetores da indústria de transformação, o segmento calçadista era o mais importante no Corede, respondendo por cerca de 39% da força de trabalho industrial da região. Esse contingente de 43.110 trabalhadores equivale a, aproximadamente, 42% da força de trabalho do subsetor calçados no Estado e a cerca de 9% da mão-de-obra industrial gaúcha.

A importante retração de postos de trabalho sofrida, no período analisado, pela indústria de transformação do Corede (em torno de 47.500 empregos, dos quais cerca de 67% concentrados no segmento calçadista) teve impacto significativo sobre o comportamento do emprego estadual. Do total de postos de trabalho eliminados no Rio Grande do Sul entre 1989-97, cerca de 35% deveram-se à performance negativa do Vale do Sinos. A evolução do emprego na indústria de transformação do Estado uma vez mais evidencia o peso do Corede, que foi responsável por pouco menos de 40% das vagas eliminadas pelo setor. Além disso, a região respondeu por cerca de 66% das vagas eliminadas na indústria de calçados do Rio Grande do Sul. Aproximadamente 26% do total do emprego perdido na indústria de transformação do Estado eram do segmento calçadista do Vale do Sinos.

A trajetória do emprego no Corede foi reconstituída a partir da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), uma base de dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que fornece informações a respeito do emprego formal em 31 de dezembro de cada ano. Ainda que restrita ao mercado formal de trabalho, a RAIS apresenta informações bastante ricas sobre essa parcela de trabalhadores, constituindo-se, por isso mesmo, em importante fonte para o conhecimento da evolução do emprego. Para a análise, considerou-se o período que vai de 1989 a 1997, últimos dados disponíveis na base.

Ainda que reconhecendo a riqueza e a importância dos dados da RAIS, é preciso que se façam aqui alguns comentários a respeito de suas limitações. Conforme adverte o Ministério do Trabalho e Emprego, tanto a RAIS como o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), outra base de dados do Ministério, são registros administrativos e, por isso, passíveis de apresentarem erros, decorrentes, especialmente, do fato de as informações oriundas das empresas não sofrerem crítica. Muitos dos erros existentes na

base devem-se ao preenchimento incorreto e/ou à omissão de campos dos formulários, especialmente no caso de municípios menores e de alguns setores e subsetores da economia. Evidentemente, quanto mais desagregada a informação que se busca na base, maior é a margem de erro. Assim, seguindo a orientação do próprio Ministério, é preciso cautela na utilização desses dados.

Destaca-se que a análise empreendida utilizou registros administrativos com relativo grau de desagregação — emprego nos municípios que compõem o Corede, por setores e subsetores de atividade, dados estes abertos segundo atributos dos trabalhadores — e, portanto, como dito acima, passíveis de apresentarem erros, conforme alerta o MTE, salientando-se que os resultados obtidos correspondem apenas a uma aproximação da realidade da região estudada.¹

O texto que segue está organizado em três seções, além das considerações finais. A primeira mostra a evolução do emprego formal no Corede, no período 1989-97, considerando-se a distribuição dos trabalhadores em setores e subsetores de atividade. Na seção seguinte, apresenta-se a trajetória do emprego de homens e mulheres no Vale do Sinos, contemplando-se, também, as mudanças em seus níveis de escolaridade. A terceira seção trata da evolução do rendimento médio dos trabalhadores da região nos setores e subsetores de atividade. Nessas três seções, compara-se, sempre que possível, o desempenho da região com aquele evidenciado pelo agregado estadual. Finalmente, sumarizam-se as principais evidências sobre o comportamento do emprego formal e a evolução dos rendimentos dos trabalhadores no Corede Vale do Rio dos Sinos.

1 - A evolução do emprego formal do Corede Vale do Rio dos Sinos no período 1989-97

O Corede Vale do Rio dos Sinos acusou, no período 1989-97, importante redução no contingente de trabalhadores. O número de empregados formais passou de 269.038 em 1989 a 228.124 em 1997, uma variação de -15,29%, bastante superior àquela registrada para o emprego total no Rio Grande do Sul,

¹ Na condução do projeto de pesquisa, o NET-FEE vem tabulando informações da RAIS para os Coredes do Estado, tendo identificado alguns resultados que despertaram dúvida quanto a sua confiabilidade. A equipe vem, em contato com o Ministério do Trabalho e Emprego, estudando alternativas para estabelecer critérios de validação e, eventualmente, de correção dos dados obtidos na base. Para a Região do Vale do Rio dos Sinos, os dados obtidos a partir da RAIS, aparentemente, não evidenciaram incongruências. Ainda assim, devem-se considerar preliminares os indicadores aqui apresentados, pois os procedimentos que forem estabelecidos para refinar o uso da base poderão alterá-los.

que foi de -6,33%. Como decorrência, a taxa de participação do Corede em relação ao total do emprego estadual sofreu pequeno declínio, passando de 14,33% em 1989 para 12,96% em 1997, sem que, contudo, a região perdesse a segunda posição, em termos de absorção de mão-de-obra, dentre os Coredes², vindo logo após o Corede Metropolitano Delta do Jacuí.

Analisando mais detidamente a evolução do emprego formal na região (Tabela 1), vê-se que, na maior parte do período, a trajetória foi descendente, invertendo-se apenas entre os anos de 1992 e 1993, provavelmente como decorrência do reaquecimento da atividade econômica, a partir do segundo semestre de 1992. Do início do período até o final de 1991, época marcada pela abertura comercial e pelo impacto recessivo da política econômica do Governo Collor, o emprego caiu em torno de 15%: aproximadamente, -11%, em 1990 e em torno de -4% em 1991. O crescimento registrado em 1992 (cerca de 7%) e em 1993 (cerca de 5%) não foi suficiente para recuperar os postos de trabalho perdidos entre 1989 e 1991. A partir de 1994, ano da implantação do Plano Real, o emprego voltou a declinar, com variações da ordem de -3% em 1994, -6% em 1995, -1% em 1996, e, novamente, -1% em 1997, atingindo, neste último ano, o menor patamar de toda a série estudada.

A análise dos setores (Tabela 1) mostra que a maioria deles apresentaram evolução positiva do emprego, o que, contudo, dada a pequena participação desses setores no emprego total, não chegou a influir na trajetória do emprego regional.³ Apenas a indústria de transformação e a administração pública apresentaram redução de contingente no período considerado. A administração pública eliminou cerca de 2.700 postos de trabalho (uma taxa de -13,04%), uma perda pouco expressiva, se comparada à da indústria de transformação, setor que, a exemplo do ocorrido no agregado estadual, apresentou o pior desempenho. No Vale do Sinos, a indústria de transformação liberou 47.491 trabalhadores, o que equivale a uma taxa de -30,10%, maior ainda do que a já significativa variação experimentada pelo mesmo setor no Estado, que foi de cerca de -21%.⁴

² A respeito da evolução do emprego formal nos Coredes, ver Stenberg, Jornada e Xavier Sobrinho (2000).

³ A expressiva variação positiva do emprego na agropecuária (46,55%) deve ser vista com cautela, uma vez que os dados do emprego formal são especialmente impróprios para apreender a realidade das atividades agropecuárias. Segundo a PNAD-1997, no conjunto do Estado, 84,4% dos ocupados em atividades agrícolas distribuíam-se entre posições tipicamente não formais: conta-própria, produção para próprio consumo e não remunerados (Xavier Sobrinho, 2000).

⁴ A respeito da evolução do emprego formal no Rio Grande do Sul por setores e subsetores de atividade, ver Stenberg, Jornada e Xavier Sobrinho (2000).

Tabela 1

Evolução do emprego formal, por setores de atividade,
no Corede Vale do Rio dos Sinos — 1989-97

SETORES DE ATIVIDADE	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Extrativa mineral	90	68	44	28	38	160
Indústria de transformação	157 770	128 660	123 976	134 597	141 174	137 479
Serviços industriais de utilida- de pública	1 625	1 886	1 874	1 693	1 637	2 186
Construção civil	4 253	3 955	3 564	4 138	3 447	5 822
Comércio	31 651	30 767	28 236	27 332	28 907	32 261
Serviços	46 055	44 502	40 770	42 935	44 729	43 253
Administração pública	21 198	20 523	20 416	20 946	9 210	18 909
Agropecuária, extrativa vege- tal, caça e pesca	232	245	289	267	267	1 199
Outros/Ignorado	6 434	8 913	10 400	13 285	27 234	7 663
Total	269 308	239 519	229 569	245 221	256 643	248 932

SETORES DE ATIVIDADE	1995	1996	1997	VARIAÇÃO ABSOLUTA 1997/1989	VARIAÇÃO % 1997/1989
Extrativa mineral	175	153	623	533	592,22
Indústria de transformação	123 156	121 483	110 279	-47 491	-30,10
Serviços industriais de utilida- de pública	2 192	1 878	3 828	2 203	135,57
Construção civil	6 181	6 736	7 918	3 665	86,17
Comércio	31 641	31 657	34 484	2 833	8,95
Serviços	49 718	51 399	52 148	6 093	13,23
Administração pública	18 748	16 636	18 434	-2 764	-13,04
Agropecuária, extrativa vege- tal, caça e pesca	511	411	340	108	46,55
Outros/Ignorado	1 367	297	70	-6 364	-98,91
Total	233 689	230 650	228 124	-41 184	-15,29

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS (1989/1997). Brasília : Mi-
nistério do Trabalho e Emprego. (CD de uso interno).

As diferentes trajetórias do emprego nos setores de atividade provocaram variações nas suas taxas de participação em relação ao emprego total; entretanto, a composição setorial do emprego em 1997 praticamente repetiu as posições relativas de 1989, excetuando-se apenas extrativa mineral e agropecuária, que inverteram as posições, esta última passando da sétima para a oitava posição.

A indústria de transformação, apesar da expressiva retração no emprego, que levou a uma diminuição de cerca de 10 pontos percentuais na sua participação, em relação ao emprego total da região, continuava a ser, em 1997, o setor com maior contingente de trabalhadores (cerca de 110.000), concentrando pouco menos da metade da força de trabalho da região (cerca de 48%), uma participação bem mais expressiva do que a encontrada para o mesmo setor no Rio Grande do Sul, que era de 26,34%. A seguir aparecem, no Vale do Sinos, serviços (22,86%), comércio (15,12%) e administração pública (8,08%). Os demais setores, assim como em 1989, mantinham-se com participações bem pouco expressivas no emprego total, atingindo, cada um deles, no máximo, 3,5% do emprego total.⁵

A evolução do emprego industrial (Tabela 2) mostra que — diferentemente do que ocorreu no agregado estadual, em que apenas o segmento de material de transporte logrou aumento de contingente —, no Corede, cinco dos 12 subsetores que compõem a indústria de transformação (material de transporte, madeira e mobiliário, papel, papelão, editorial e gráfica, química e produtos alimentícios) apresentaram elevação do número de trabalhadores. Em conjunto, agregaram 2.411 empregados, considerando-se os anos extremos do período. Dentre eles, o segmento material de transporte teve o melhor desempenho em termos relativos, com um avanço de cerca de 23,5%; enquanto o de madeira e mobiliário teve o maior acréscimo absoluto, com a incorporação de 585 trabalhadores no período.

Os subsetores minerais não-metálicos; metalúrgica; mecânica; material elétrico e de comunicações; borracha, fumo, couros e peles; têxtil e calçados apresentaram retração no emprego. A indústria de calçados, com uma variação de -42,43% no emprego, foi o segmento com maior redução absoluta no contingente de trabalhadores (-31.767). Os demais subsetores, mesmo aqueles que registraram variações percentuais importantes — a maior foi a da indústria têxtil, com -54,17% —, acusaram perdas absolutas muito inferiores à da indústria de calçados.

⁵ No Rio Grande do Sul, em 1997, cerca de 28% dos trabalhadores estavam no setor serviços, em torno de 26% na indústria de transformação, aproximadamente 20% na administração pública e cerca de 16% no comércio. Os demais setores de atividade tinham participação pouco expressiva no emprego total do Estado (Sternberg, Jornada, Xavier Sobrinho, 2000).

Tabela 2

Evolução do emprego formal na indústria de transformação, por subsetores de atividade,
no Corede Vale do Rio dos Sinos — 1989-97

SUBSETORES DE ATIVIDADE	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Produtos minerais não-metálicos ...	2 916	2 594	2 468	2 537	2 029	2 125
Metalúrgica	13 912	11 165	10 523	9 883	10 598	10 970
Mecânica	11 115	9 239	8 972	8 372	9 105	11 221
Material elétrico e de comunica- ções	2 501	2 622	2 227	2 374	2 473	2 958
Material de transporte	2 025	1 689	1 863	1 696	1 881	1 901
Madeira e mobiliário	2 899	2 385	2 365	2 207	2 179	3 779
Papel, papelão, editorial e gráfica ..	4 408	3 633	3 135	2 935	3 014	4 805
Borracha, fumo, couros, peles e produtos similares	21 394	17 970	17 635	18 682	17 713	16 383
Química, produtos farmacêuticos, veterinários, perfumes, sabões, ve- las e material plástico	11 137	9 081	8 741	9 205	11 164	12 891
Têxtil, vestuário e artefatos de tecidos	5 719	4 923	4 518	4 272	4 699	4 322
Calçados	74 877	58 854	56 868	67 674	72 073	59 583
Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	4 867	4 505	4 661	4 760	4 246	6 541
Total	157 770	128 660	123 976	134 597	141 174	137 479

(continua)

Tabela 2

Evolução do emprego formal na indústria de transformação, por subsetores de atividade, no Corede Vale do Rio dos Sinos — 1989-97

SUBSETORES DE ATIVIDADE	1995	1996	1997	VARIAÇÃO ABSOLUTA 1997/1989	VARIAÇÃO % 1997/1989
Produtos minerais não-metálicos ...	2 068	2 139	2 336	-580	-19,89
Metalúrgica	9 468	9 687	10 313	-3 599	-25,87
Mecânica	10 374	8 795	8 567	-2 548	-22,92
Material elétrico e de comunica- ções	2 313	2 102	2 070	-431	-17,23
Material de transporte	1 821	2 040	2 500	475	23,46
Madeira e mobiliário	3 280	3 356	3 484	585	20,18
Papel, papelão, editorial e gráfica ..	5 224	5 099	4 785	377	8,55
Borracha, fumo, couros, peles e produtos similares	14 226	14 311	13 515	-7 879	-36,83
Química, produtos farmacêuticos, veterinários, perfumes, sabões, ve- las e material plástico	12 139	12 620	11 280	143	1,28
Têxtil, vestuário e artefatos de tecidos	3 832	3 865	2 621	-3 098	-54,17
Calçados	51 948	51 242	43 110	-31 767	-42,43
Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	6 463	6 227	5 698	831	17,07
Total	123 156	121 483	110 279	-47 491	-30,10

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS (1989/1997). Brasília :
Ministério do Trabalho e Emprego. (CD de uso interno).

Apesar dos diferentes movimentos e intensidades de variação do emprego em cada um dos subsetores, a estrutura do emprego industrial mostrou-se, em 1997, bastante próxima daquela de 1989, especialmente nos cinco segmentos mais expressivos, entre os quais se registra apenas a troca de posições entre a metalúrgica e a química, que avançou para a terceira posição. A indústria de calçados, bem como alguns segmentos que atuam como fornecedores de componentes e de máquinas e equipamentos para o subsetor⁶, figuram, nos dois momentos, entre aqueles com maior volume de emprego na região. Assim, em 1997, a indústria de calçados mantinha-se na primeira posição com cerca de 39% da mão-de-obra industrial da região, seguida pela de borracha, fumo, couros e peles, com aproximadamente 12%; pela química, com cerca de 10%; pela metalúrgica, com aproximadamente 9%; e pela mecânica, com cerca de 8%.

O grande peso do Vale do Sinos no emprego industrial do Estado, pouco menos de um quarto, faz com que o comportamento do mercado de trabalho da região influencie de forma acentuada o agregado da indústria gaúcha. Também no Rio Grande do Sul, a indústria de calçados era o segmento que concentrava, em 1997, o maior contingente (cerca de 22%) dos trabalhadores do setor, e, igualmente, foi esse subsetor o que experimentou, no período analisado, a maior retração de emprego. Os cerca de 48.000 trabalhadores desligados da indústria calçadista do Rio Grande do Sul entre 1989-97 representam pouco menos de 40% da redução verificada na indústria de transformação do Estado. O Vale do Sinos eliminou cerca de 66% dessas vagas da indústria de calçados. Do total de postos de trabalho perdidos no Estado, aproximadamente 27% foram na indústria de calçados do Vale do Sinos.

A trajetória do emprego no subsetor calçadista do Corede mostra movimento semelhante ao descrito pela indústria de transformação e pelo emprego total (Tabela 2). Contudo, nos momentos de recuo de emprego, a indústria de calçados foi mais penalizada do que o setor industrial e também do que o emprego total da região, enquanto, nos ciclos de recuperação, o segmento produtivo se apresentou com vantagem em relação aos demais. Em termos globais, entre 1989 e 1997, as perdas da indústria de calçados representaram cerca de 67% das vagas fechadas na indústria de transformação e aproximadamente 77% do total de postos de trabalho eliminados no Vale do Sinos.

⁶ Costa lembra que, no Vale do Sinos, "(...) existe um conjunto de atividades que fornecem máquinas, couros, componentes e prestação de serviços, formando um complexo industrial integrado e diversificado" (Costa, 1993, p.55). Segundo o mesmo autor, "(...) a produção de componentes para calçados envolve uma variedade de materiais (...) que provêm principalmente dos ramos químico, têxtil e metalurgia: são enfeites metálicos, ilhoses, fivelas, linhas, forro, saltos, borracha termoplástica (TR), etileno acetato de vinila (EVA), poliuretano (PU), adesivos" (ibid., 1993, p.56).

O período que vai de 1989 até 1991 marcou uma redução da ordem de 24% no emprego do subsetor do Vale do Sinos, com a eliminação de cerca de 18.000 vagas. No interior desse período, vê-se que foi em 1990 que se deu a maior retração, com a supressão de 16.023 postos de trabalho, uma queda em torno de 21% no nível de emprego — a maior de toda a série estudada. Em 1991, embora persistindo a retração do emprego, ela foi mais branda (cerca de 3%), verificando-se uma redução de praticamente 2.000 postos de trabalho, bem menos expressiva, portanto, do que a verificada em 1990.

A retração do emprego no subsetor calçadista entre 1989 e 1991 pode ser associada a diversos fatores: a crise da economia brasileira na década de 80, que havia provocado retração na demanda interna; as dificuldades, em termos de competitividade, enfrentadas no mercado externo, como decorrência do processo recessivo na economia mundial (Costa, 1993); além do aprofundamento da abertura comercial e dos efeitos recessivos da política econômica do Governo Collor.⁷

Os anos de 1992 e 1993 mostram uma recuperação do emprego na indústria calçadista mais expressiva do que a detectada para a indústria de transformação do Corede. Em 1992 e 1993, a indústria de calçados registrou variações de cerca de 19% e de 6,5%, respectivamente, crescendo, no total, pouco mais de 15.000 empregos. Ainda assim, o nível de emprego do subsetor manteve-se, em 1993, um pouco abaixo daquele de 1989, o maior de toda a série.

A partir de 1994, o número de postos de trabalho no segmento voltou a declinar, desta vez de forma mais intensa do que aquela do início da década. A queda no emprego foi de, aproximadamente, 40% entre 1993 e 1997, com a redução de 28.963 vagas. Desdobrando-se o período, vê-se que, em 1994, houve uma variação negativa de cerca de 17%, com a supressão de 12.490 postos de trabalho, a maior de toda a série do pós-Real e, considerando-se toda a série analisada, inferior somente àquela registrada em 1990, que foi de cerca -21%, com a eliminação de aproximadamente 16.000 vagas. Em 1995, o emprego continuou em queda, com uma taxa da ordem de -13%; em 1996, a retração foi de intensidade bastante inferior à dos anos anteriores — em torno de -1% —; e, finalmente, em 1997, voltou a haver importante declínio (em torno de -16%), com a eliminação de cerca de 8.000 postos de trabalho, registrando-se o menor contingente de empregados em toda a série (43.110 trabalhadores).

⁷ Observa-se que Costa e Fligenspan (1997) colocam que, num primeiro momento, a abertura comercial não teve forte impacto sobre o segmento produtor de calçados.

As colocações de Costa e Fligenspan (1997) são úteis para o entendimento do movimento do emprego na indústria de calçados a partir de 1994. De acordo com os autores, a implantação do Plano Real, em julho de 1994, associada à abertura comercial e ao aprofundamento da concorrência no mercado internacional de calçados configuraram um novo ambiente competitivo para o setor, impondo às empresas domésticas a necessidade de ajustes como forma de assegurar melhores condições de eficiência e competitividade. Inicialmente, a reação foi defensiva, com fechamento de empresas⁸, diminuição de capacidade produtiva, queda do emprego e demanda por proteção. As ações ofensivas, capazes de conferir maior competitividade ao segmento — estratégias de mercado, modernização tecnológica, dentre outras —, seguem em andamento. No que diz respeito às inovações tecnológicas, deve-se considerar que a sua adoção é condicionada, dentre outros fatores, pela natureza do processo produtivo e pelo nível salarial dos trabalhadores do subsetor. O caráter artesanal em algumas etapas do processo de trabalho e o baixo nível salarial são fatores que dificultam a adoção de inovações, especialmente tecnológicas, já que os ganhos decorrentes da introdução de automação nem sempre compensam os baixos custos da mão-de-obra na indústria de calçados (Costa, Fligenspan, 1997; Ribeiro, 1999).

2 - Evolução do emprego formal, por atributos dos trabalhadores

Sexo

A evolução do emprego de homens e mulheres no Vale do Sinos, a exemplo do que ocorre para o conjunto do Estado, mostrou comportamento diferenciado (Tabela 3). Chega-se ao final do período com uma queda mais acentuada no contingente masculino (-17,65% no Corede e -9,84% no RS) do que no feminino (-11,03 no Corede e -0,75% no RS). No Corede, o contingente masculino recuou de 173.216 em 1989 para 142.635 em 1997, pela eliminação de 30.581 postos de trabalho. As mulheres, em situação mais favorável, tiveram eliminadas 10.603 vagas, passando o contingente de trabalhadoras de 96.092 em 1989, para 85.489

⁸ Entre 1993 e 1996, o número de empresas do segmento calçadista experimentou queda de cerca de 10%. Em 1997, o número de empresas voltou a subir, mantendo-se, contudo, ainda pouco inferior ao de 1993 (Ministério do Trabalho e Emprego/RAIS Estabelecimentos).

em 1997. No Estado, a supressão de postos de trabalho no período 1989-97 foi de 113.592 para os homens e de 5.453 para as mulheres.

Com os recuos diferenciados experimentados pelos contingentes masculino e feminino, tanto no Corede como no Estado, a participação dos homens no emprego total retrai-se, enquanto a das mulheres cresce. Entre 1989 e 1997, no Corede, o emprego masculino recuou de 64,32% para 62,53% do total, enquanto o feminino teve avanço de 35,68% para 37,47%. No Estado, no mesmo período, a participação masculina passou de 61,42% para 59,12%, enquanto a das mulheres avançou de 38,58% para 40,88%. Como pode ser visto, no Vale do Sinos, relativamente ao Estado, há uma maior participação de trabalhadores do sexo masculino, o que, provavelmente, decorre do maior peso da atividade industrial no Corede frente ao Estado, já que, nesse setor, conforme se verá a seguir, prepondera o trabalho masculino.

A análise setorial também mostra, no Corede, diferenças na evolução dos contingentes masculino e feminino (Tabela 3). Como consequência, ao final do período, observam-se alterações em suas participações nos diversos setores. Praticamente em todos eles, em 1997, os homens mantiveram-se com participação relativa mais alta do que as mulheres. A exceção ficou por conta da administração pública, em que as mulheres passaram a responder pela maior parcela da força de trabalho.

No Rio Grande do Sul, tomando-se os setores de atividade, via de regra o emprego feminino mostrou melhor evolução do que o total (excetuam-se a indústria de transformação e a agropecuária). Ao final do período, ainda que se tenha registrado avanço da participação feminina na maioria dos setores, os homens continuavam a responder pelo maior número de trabalhadores, com exceção da administração pública, que, já em 1989, mostrava maior participação das mulheres.

Tratando-se especificamente do caso da indústria de transformação, em que o emprego total apresentou a maior redução no período, e observando-se a evolução do emprego por sexo, constata-se que, tanto no Corede como no Rio Grande do Sul, a queda, em termos percentuais, foi mais acentuada entre as mulheres do que entre os homens. O emprego feminino registrou queda em torno de 35% no Corede e de cerca de 27% no Rio Grande do Sul, enquanto o emprego masculino teve recuo em torno de 27% no Vale do Sinos e de aproximadamente 18% no Estado. Com isso, em 1997, do total de trabalhadores industriais do Corede, cerca de 67% eram homens e 33% eram mulheres, enquanto, no Rio Grande do Sul, os percentuais de participação eram em torno de 68% e 32% para os homens e as mulheres, respectivamente, muito próximas, portanto, às encontradas no Corede.

Tabela 3

Variação do emprego formal e taxas de participação, por setores de atividade e por sexo, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul – 1989 e 1997

DISCRIMINAÇÃO	VARIACÃO ABSOLUTA 1997/1989			VARIACÃO % 1997/1989		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Corede Vale do Rio dos Sinos						
Extrativa mineral	261	272	533	296,59	13 600,00	592,22
Indústria de transformação	-27 939	-19 552	-47 491	-27,36	-35,13	-30,10
Serviços industriais de utilidade pública	1 541	662	2 203	106,72	365,75	135,57
Construção civil	3 570	95	3 665	90,38	31,35	86,17
Comércio	1 972	861	2 833	9,98	7,25	8,95
Serviços	-1 834	7 927	6 093	-6,03	50,71	13,23
Administração pública	-4 531	1 767	-2 764	-39,36	18,24	-13,04
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	124	-16	108	88,57	-17,39	46,55
Outros/Ignorado	-3 745	-2 619	-6 364	-99,07	-98,68	-98,91
TOTAL DO COREDE	-30 581	-10 603	-41 184	-17,65	-11,03	-15,29
Rio Grande do Sul						
Extrativa mineral	-1 091	263	-828	-21,16	110,50	-15,35
Indústria de transformação	-68 918	-54 343	-123 261	-17,95	-26,78	-21,00
Serviços industriais de utilidade pública	514	729	1 243	2,94	23,48	6,05
Construção civil	18 655	1 698	20 353	37,87	52,31	38,76
Comércio	-9 514	-2 134	-11 648	-5,25	-1,94	-3,99
Serviços	-41 218	44 230	3 012	-13,74	23,49	0,62
Administração pública	-24 365	14 112	-10 253	-14,52	7,26	-2,83
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	37 712	6 230	43 942	159,95	108,46	149,86
Outros/Ignorado	-25 367	-16 238	-41 605	-97,75	-97,05	-97,48
TOTAL DO ESTADO	-113 592	-5 453	-119 045	-9,84	-0,75	-6,33

(continua)

Tabela 3

Variação do emprego formal e taxas de participação, por setores de atividade e por sexo, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul — 1989 e 1997

DISCRIMINAÇÃO	PARTICIPAÇÃO % EM 1989		PARTICIPAÇÃO % EM 1997	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Corede Vale do Rio dos Sinos				
Extrativa mineral	97,78	2,22	56,02	43,98
Indústria de transformação	64,72	35,28	67,26	32,74
Serviços industriais de utilidade pública	88,86	11,14	77,98	22,02
Construção civil	92,88	7,12	94,97	5,03
Comércio	62,46	37,54	63,05	36,95
Serviços	66,06	33,94	54,82	45,18
Administração pública	54,31	45,69	37,88	62,12
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	60,34	39,66	77,65	22,35
Outros/Ignorado	58,75	41,25	50,00	50,00
TOTAL DO COREDE	64,32	35,68	62,53	37,47
Rio Grande do Sul				
Extrativa mineral	95,59	4,41	89,03	10,97
Indústria de transformação	65,43	34,57	67,96	32,04
Serviços industriais de utilidade pública	84,90	15,10	82,41	17,59
Construção civil	93,82	6,18	93,21	6,79
Comércio	62,18	37,82	61,37	38,63
Serviços	61,43	38,57	52,66	47,34
Administração pública	46,31	53,69	40,74	59,26
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	80,41	19,59	83,66	16,34
Outros/Ignorado	60,80	39,20	54,18	45,82
TOTAL DO ESTADO	61,42	38,58	59,12	40,88

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS (1989,1997). Brasília : Ministério do Trabalho e Emprego. (CD de uso interno).

Avançando um pouco mais na análise da indústria e vendo-se a evolução do contingente de homens e de mulheres por subsetores de atividade (Tabela 4), observa-se que, seguindo a tendência geral do setor, na maioria dos segmentos o emprego feminino teve pior desempenho do que no total. No Vale do Sinos, apenas nos segmentos material de transporte, madeira e mobiliário, calçados e produtos alimentícios, o volume de mulheres empregadas evolui melhor do que no total do subsetor. No Estado, somente nos subsetores papel, papelão, editorial e gráfica, indústria química e indústria têxtil, a mão-de-obra feminina teve melhor desempenho do que no emprego total. Destaca-se que, tanto no Corede como no Estado, a variação do emprego feminino na indústria de calçados praticamente se iguala à do total do subsetor .

Ao final do período, no Corede, apenas a indústria têxtil registra maior participação feminina do que masculina (60,82% contra 39,18%), o que também se verifica no Rio Grande do Sul (74,57% contra 25,43%). A indústria de calçados é o segmento em que a participação de homens e mulheres registra maior equilíbrio: no Vale do Sinos, 52,13% para os homens e 47,87% para as mulheres, e, no Rio Grande do Sul, 49,57% para os homens e 50,43% para as mulheres.

Relativamente aos cortes praticados na indústria de calçados (-42,43% no Corede e -32,00% no Rio Grande do Sul), deve-se salientar que, tanto na região como no Estado, houve impacto semelhante sobre o contingente de homens e de mulheres. No Corede, a redução do emprego masculino, nesse subsetor, foi de -42,83%, enquanto a do feminino foi de -41,98% entre 1989 e 1997. No Rio Grande do Sul, no subsetor, o número de homens empregados teve variação de -31,88%, enquanto o de mulheres teve variação de -32,12%. Com isso, no Corede, o subsetor que respondeu por cerca de 67% do total de postos de trabalho perdidos na indústria de transformação mostrou uma redução de 16.835 postos de trabalho masculinos e 14.932 postos femininos. No Rio Grande do Sul, a repercussão dos cortes no subsetor foi bem menos expressiva — cerca de 39% do total de vagas fechadas na indústria de transformação —, representando a supressão de 23.623 trabalhadores do sexo masculino e de 24.296 trabalhadoras.

Tabela 4

Variação do emprego formal e taxas de participação na indústria de transformação, por subsetores de atividade e por sexo, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul — 1989 e 1997

DISCRIMINAÇÃO	VARIAÇÃO ABSOLUTA 1997/1989			VARIAÇÃO % 1997/1989		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Corede Vale do Rio dos Sinos						
Produtos minerais não-metálicos	-531	-49	-580	-19,59	-23,79	-19,89
Metalúrgica	-3 057	-542	-3 599	-25,00	-32,17	-25,87
Mecânica	-2 156	-392	-2 548	-22,12	-28,65	-22,92
Material elétrico e de comunicações	-256	-175	-431	-14,50	-23,78	-17,23
Material de transporte	404	71	475	22,47	31,28	23,46
Madeira e mobiliário	217	368	585	9,15	69,83	20,18
Papel, papelão, editorial e gráfica	561	-184	377	20,26	-11,23	8,55
Borracha, fumo, couros, peles e produtos similares	-5 851	-2 028	-7 879	-36,31	-38,41	-36,83
Química, produtos farmacêuticos, veterinários, perfumes, sabões, velas e material plástico	312	-169	143	4,05	-4,91	1,28
Têxtil, vestuário e artefatos de tecidos	-978	-2 120	-3 098	-48,78	-57,08	-54,17
Calçados	-16 835	-14 932	-31 767	-42,83	-41,98	-42,43
Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	231	600	831	6,42	47,28	17,07
TOTAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO COREDE	-27 939	-19 552	-47 491	-27,36	-35,13	-30,10
Rio Grande do Sul						
Produtos minerais não-metálicos	-1 552	-368	-1 920	-11,32	-22,10	-12,48
Metalúrgica	-11 043	-3 138	-14 181	-21,96	-29,83	-23,32
Mecânica	-11 412	-2 810	-14 222	-27,32	-36,41	-28,74
Material elétrico e de comunicações	-1 108	-1 537	-2 645	-12,53	-28,72	-18,63
Material de transporte	975	-358	617	5,31	-13,82	2,94
Madeira e mobiliário	-1 633	-1 520	-3 153	-5,05	-16,25	-7,56
Papel, papelão, editorial e gráfica	-1 616	-336	-1 952	-9,95	-5,20	-8,60
Borracha, fumo, couros, peles e produtos similares	-11 743	-5 935	-17 678	-29,91	-34,89	-31,41
Química, produtos farmacêuticos, veterinários, perfumes, sabões, velas e material plástico	-1 291	315	-976	-5,14	3,19	-2,79
Têxtil, vestuário e artefatos de tecidos	-4 116	-10 255	-14 371	-42,14	-38,23	-39,27
Calçados	-23 623	-24 296	-47 919	-31,88	-32,12	-32,00
Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	-756	-4 105	-4 861	-1,39	-13,71	-5,78
TOTAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO	-68 918	-54 343	-123 261	-17,95	-26,78	-21,00

(continua)

Tabela 4

Variação do emprego formal e taxas de participação na indústria de transformação, por subsetores de atividade e por sexo, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul — 1989 e 1997

DISCRIMINAÇÃO	TAXAS DE PARTICIPAÇÃO EM 1989 (%)		TAXAS DE PARTICIPAÇÃO EM 1997 (%)	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Corede Vale do Rio dos Sinos				
Produtos minerais não-metálicos	92,94	7,06	93,28	6,72
Metalúrgica	87,89	12,11	88,92	11,08
Mecânica	87,69	12,31	88,61	11,39
Material elétrico e de comunicações	70,57	29,43	72,90	27,10
Material de transporte	88,79	11,21	88,08	11,92
Madeira e mobiliário	81,82	18,18	74,31	25,69
Papel, papelão, editorial e gráfica	62,82	37,18	69,59	30,41
Borracha, fumo, couros, peles e produtos similares	75,32	24,68	75,94	24,06
Química, produtos farmacêuticos, veterinários, perfumes, sabões, velas e material plástico	69,10	30,90	70,99	29,01
Têxtil, vestuário e artefatos de tecidos	35,06	64,94	39,18	60,82
Calçados	52,50	47,50	52,13	47,87
Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	73,93	26,07	67,20	32,80
TOTAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO COREDE	64,72	35,28	67,26	32,74
Rio Grande do Sul				
Produtos minerais não-metálicos	89,17	10,83	90,36	9,64
Metalúrgica	82,70	17,30	84,17	15,83
Mecânica	84,41	15,59	86,09	13,91
Material elétrico e de comunicações	62,30	37,70	66,97	33,03
Material de transporte	87,64	12,36	89,65	10,35
Madeira e mobiliário	77,55	22,45	79,66	20,34
Papel, papelão, editorial e gráfica	71,56	28,44	70,50	29,50
Borracha, fumo, couros, peles e produtos similares	69,77	30,23	71,30	28,70
Química, produtos farmacêuticos, veterinários, perfumes, sabões, velas e material plástico	71,81	28,19	70,07	29,93
Têxtil, vestuário e artefatos de tecidos	26,69	73,31	25,43	74,57
Calçados	49,49	50,51	49,57	50,43
Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	64,43	35,57	67,42	32,58
TOTAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO	65,43	34,57	67,96	32,04

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS (1989,1997). Brasília : Ministério do Trabalho e Emprego. (CD de uso interno).

Escolaridade

A análise da evolução do nível de escolaridade dos trabalhadores do Vale do Sinos mostra que, ao longo do período 1989-97, vêm se registrando avanços na condição de escolaridade dos trabalhadores formais. Entretanto, ainda assim, em 1997, a maior parte dos trabalhadores da região — cerca de 53% — não havia concluído o ensino fundamental (Tabela 5).

Entre 1989 e 1997, observa-se que houve uma redução acentuada no número de trabalhadores com níveis mais baixos de escolaridade, atingindo variações bem mais expressivas do que a retração do emprego total — cerca de -50% para os analfabetos e de, aproximadamente, -32% para os com ensino fundamental incompleto —, enquanto aqueles com escolaridade mínima correspondente ao ensino fundamental completo ampliaram o seu contingente: variações de cerca de 14% para os com ensino fundamental completo, em torno de 28% para os com ensino médio completo e de aproximadamente 43% para os com curso superior completo. Em termos absolutos, a maior variação foi registrada para o estrato de escolaridade correspondente ao ensino fundamental incompleto, que apresentou uma diminuição de 55.375 trabalhadores.

Como resultado, em 1997, do total de trabalhadores do Corede, cerca de 53% não haviam concluído o ensino fundamental, em torno de 25% tinham o ensino fundamental completo, aproximadamente 17% contavam com o ensino médio completo e cerca de 6% possuíam curso superior completo, o que mostra avanço em relação à situação de 1989, quando, do total de trabalhadores, em torno de 66% não tinham o ensino fundamental completo, aproximadamente 18,5% haviam completado esse nível, cerca de 11% tinham o ensino médio completo e apenas em torno de 3% ostentavam o curso superior.

A nova distribuição dos trabalhadores, por níveis de escolaridade, resulta da forte retração do emprego, concentrada especialmente nos estratos menos escolarizados.

Comparativamente à evolução da escolaridade no agregado estadual, observa-se que, no Corede, ocorreu uma redução mais acentuada nos níveis mais baixos de escolaridade (analfabetos e ensino fundamental incompleto) e aumento maior nos níveis mais altos, o que configura uma melhor performance do Vale do Sinos frente ao Estado. Entretanto é preciso salientar que, no início do período, a situação de escolaridade no Corede era pior do que a do Rio Grande do Sul, e, por isso, ainda que tenha tido um melhor desempenho, os trabalhadores do Vale do Sinos ainda se mantêm com escolaridade precária e pior do que a encontrada na média do Estado. No Rio Grande do Sul, em 1997, do total de trabalhadores, cerca de 41% não haviam concluído o ensino fundamental, aproximadamente 26% tinham o ensino fundamental completo, em torno de 22% haviam completado o ensino médio e cerca de 11% contavam com o superior completo.

Tabela 5

Distribuição e variação do número de trabalhadores, por nível de escolaridade e por sexo, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul — 1989 e 1997

DISCRIMINAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO POR NÍVEIS DE ESCOLARIDADE (%)					
	1989			1997		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Corede Vale do Rio dos Sinos						
Analfabeto	2,34	1,75	2,13	1,44	0,96	1,26
Ensino fundamental incompleto	66,81	59,42	64,17	55,15	45,37	51,48
Ensino fundamental completo	18,37	18,74	18,50	25,70	23,40	24,84
Ensino médio completo	8,55	15,38	10,99	12,97	22,61	16,58
Superior completo	3,05	3,86	3,34	4,54	7,47	5,64
Ignorado	0,89	0,84	0,87	0,19	0,19	0,19
TOTAL DO COREDE	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Rio Grande do Sul						
Analfabeto	2,49	1,71	2,19	1,75	1,33	1,58
Ensino fundamental incompleto	55,27	38,54	48,81	46,69	29,04	39,48
Ensino fundamental completo	21,70	21,64	21,68	27,22	23,15	25,56
Ensino médio completo	12,74	23,36	16,83	16,68	29,08	21,75
Superior completo	6,61	13,57	9,30	7,32	17,15	11,33
Ignorado	1,19	1,17	1,18	0,34	0,26	0,30
TOTAL DO ESTADO	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

(continua)

Tabela 5

Distribuição e variação do número de trabalhadores, por nível de escolaridade e por sexo, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul — 1989 e 1997

DISCRIMINAÇÃO	VARIAÇÃO 1997/1989					
	Absoluta			%		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Corede Vale do Rio dos Sinos						
Analfabeto	-2 003	-859	-2 862	-49,41	-51,04	-49,89
Ensino fundamental incompleto	-37 062	-18 313	-55 375	-32,03	-32,07	-32,04
Ensino fundamental completo	4 845	2 001	6 846	15,23	11,11	13,74
Ensino médio completo	3 703	4 543	8 246	25,02	30,73	27,87
Superior completo	1 195	2 671	3 866	22,61	71,98	42,97
Ignorado	-1 259	-646	-1 905	-82,13	-79,65	-81,27
TOTAL DO COREDE	-30 581	-10 603	-41 184	-17,65	-11,03	-15,29
Rio Grande do Sul						
Analfabeto	-10 554	-2 838	-13 392	-36,67	-22,89	-32,52
Ensino fundamental incompleto	-152 034	-70 473	-222 507	-23,83	-25,22	-24,25
Ensino fundamental completo	32 769	9 671	42 440	13,08	6,16	10,42
Ensino médio completo	26 601	39 875	66 476	18,09	23,54	21,01
Superior completo	-210	24 983	24 773	-0,28	25,39	14,17
Ignorado	-10 164	-6 671	-16 835	-74,24	-78,40	-75,83
TOTAL DO ESTADO	-113 592	-5 453	-119 045	-9,84	-0,75	-6,33

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS (1989,1997). Brasília : Ministério do Trabalho e Emprego. (CD de uso interno).

A pior condição de escolaridade dos trabalhadores do Corede comparativamente ao Estado deve-se, possivelmente, à maior participação da indústria de transformação e, mais especialmente, ao segmento calçadista no emprego regional, uma vez que esse segmento conta com trabalhadores fracamente escolarizados.

Na análise da evolução do nível de escolaridade por sexo (Tabela 5), constata-se que, ao longo de todo o período, as mulheres apresentaram melhores condições de escolaridade do que os homens. Tanto para os homens como para as mulheres, percebe-se diminuição na participação relativa das faixas menos escolarizadas.

No Corede, nos níveis a partir do ensino médio completo, o aumento para as mulheres foi mais sentido do que o para os homens. Destaca-se o aumento das mulheres com curso superior completo, que ficou em torno de 72%, enquanto o total de trabalhadores homens com o mesmo nível de escolaridade cresceu cerca de 23% no período analisado. Já nos níveis inferiores (analfabetos e 1º grau incompleto), a variação de homens e mulheres praticamente se equivale.

No final do período, no que diz respeito à escolaridade dos trabalhadores, persiste a vantagem feminina. Em 1997, do total de trabalhadores, aproximadamente 57% dos homens e 46% das mulheres não haviam concluído o 1º grau. Com ensino fundamental completo encontravam-se cerca de 26% dos homens e aproximadamente 23% das mulheres; nos níveis mais altos de escolaridade, confirmava-se a vantagem feminina.

A desvantagem do Corede, no que diz respeito à escolaridade relativamente ao total do Estado, manifesta-se para ambos os sexos. Entre as mulheres do Rio Grande do Sul, cerca de 30% não haviam concluído o ensino fundamental, em torno de 23% tinham o ensino fundamental completo, cerca de 29% possuíam o ensino médio completo, e aproximadamente 17% tinham curso superior completo. Também no agregado do Estado, os homens mostravam condição de escolaridade pior do que a das mulheres, mas superior à da mão-de-obra masculina empregada no Vale do Sinos: cerca de 48% dos trabalhadores gaúchos não tinham o ensino fundamental, aproximadamente 27% haviam completado esse nível de ensino, em torno de 17% tinham completado o ensino médio, e cerca de 7% tinham o superior completo.

A análise da evolução da escolaridade sob o enfoque setorial mostra que, tanto no Corede como no Estado, praticamente a totalidade dos setores apresentou avanços no nível de escolaridade de seus trabalhadores (Tabela 6).⁹

⁹ Na análise da evolução da escolaridade do Vale do Sinos, desconsiderou-se a situação do subsetor serviços industriais de utilidade pública, que, contrariando a tendência geral, mostrou importante retrocesso no nível de escolaridade dos trabalhadores: a participação dos trabalhadores que não haviam concluído o ensino fundamental passou de cerca de 18% em 1989 para 62,5% em 1997. Acredita-se que tal incongruência se deva a algum erro na base RAIS.

Tabela 6

Distribuição percentual dos trabalhadores, por setores de atividade e por níveis de escolaridade, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul — 1989 e 1997

DISCRIMINAÇÃO	1989						Total
	Analfabeto	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo	Ensino Médio Completo	Superior Completo	Ignorado	
Corede Vale do Rio dos Sinos							
Extrativa mineral	2,22	82,22	13,33	2,22	0,00	0,00	100,00
Industria de transformação	2,22	75,83	13,96	6,06	1,27	0,67	100,00
Serviços industriais de utilidade pública	0,62	15,82	60,98	16,43	6,15	0,00	100,00
Construção civil	4,82	73,55	11,26	4,91	1,36	4,09	100,00
Comércio	1,48	54,14	31,00	10,65	1,34	1,38	100,00
Serviços	1,85	47,61	20,73	18,77	9,94	1,10	100,00
Administração pública	2,60	30,60	26,87	32,53	6,78	0,61	100,00
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	4,31	60,34	20,69	11,64	3,02	0,00	100,00
Outros/ignorado	2,21	62,79	18,93	9,47	5,91	0,70	100,00
TOTAL DO COREDE	2,13	64,17	18,50	10,99	3,34	0,87	100,00
Rio Grande do Sul							
Extrativa mineral	5,15	75,13	10,37	5,97	2,67	0,70	100,00
Industria de transformação	2,37	68,87	17,27	8,31	2,16	1,01	100,00
Serviços industriais de utilidade pública	2,94	21,85	49,98	15,38	9,83	0,01	100,00
Construção civil	4,10	74,08	11,23	5,84	2,07	2,69	100,00
Comércio	1,34	43,89	34,99	16,20	2,13	1,45	100,00
Serviços	2,03	40,02	23,52	22,31	10,73	1,40	100,00
Administração pública	1,95	27,77	16,67	26,30	26,59	0,71	100,00
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	6,61	73,10	9,49	6,61	2,36	1,83	100,00
Outros/ignorado	3,36	47,66	21,85	18,03	7,53	1,57	100,00
TOTAL DO ESTADO	2,19	48,81	21,68	16,83	9,30	1,18	100,00

(continua)

Tabela 6

Distribuição percentual dos trabalhadores, por setores de atividade e por níveis de escolaridade, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul — 1989 e 1997

DISCRIMINAÇÃO	1997						Total
	Analfa- beto	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo	Ensino Médio Completo	Superior Completo	Igno- rado	
Corede Vale do Rio dos Sinos							
Extrativa mineral	0,96	30,66	11,08	16,37	40,93	0,00	100,00
Indústria de transformação	1,15	63,10	21,88	11,19	2,58	0,11	100,00
Serviços industriais de utili- dade pública	6,71	66,35	13,92	10,82	2,19	0,00	100,00
Construção civil	2,66	67,76	22,32	5,39	1,44	0,43	100,00
Comércio	0,93	38,95	38,15	19,93	1,81	0,23	100,00
Serviços	1,09	38,90	24,44	22,37	12,87	0,33	100,00
Administração pública	1,23	31,47	22,85	32,43	12,02	0,01	100,00
Agropecuária, extrativa ve- getal, caça e pesca	3,82	66,47	13,82	7,35	3,53	5,00	100,00
Outros/ignorado	0,00	37,14	22,86	14,29	1,43	24,29	100,00
TOTAL DO COREDE	1,26	51,48	24,84	16,58	5,64	0,19	100,00
Rio Grande do Sul							
Extrativa mineral	2,83	60,20	20,13	8,59	7,91	0,35	100,00
Indústria de transformação	1,29	56,81	25,70	13,23	2,80	0,17	100,00
Serviços industriais de utili- dade pública	2,11	38,09	21,14	28,44	10,21	0,00	100,00
Construção civil	2,78	64,51	22,02	7,91	2,35	0,43	100,00
Comércio	0,87	32,10	38,88	25,17	2,63	0,35	100,00
Serviços	1,26	31,53	26,19	26,75	13,87	0,40	100,00
Administração pública	1,90	21,57	17,72	29,06	29,71	0,04	100,00
Agropecuária, extrativa ve- getal, caça e pesca	5,23	71,39	12,38	6,65	2,99	1,36	100,00
Outros/ignorado	6,78	46,28	16,73	12,45	2,70	15,06	100,00
TOTAL DO ESTADO	1,58	39,48	25,56	21,75	11,33	0,30	100,00

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS (1989,1997). Brasília : Ministério do Trabalho e Emprego. (CD de uso interno).

O setor administração pública do Corede, a exemplo do que se verificou em nível estadual, foi o que, ao longo do período, apresentou trabalhadores com o melhor perfil educacional. Mesmo assim, nesse setor, que em 1997 representava cerca de 8% do emprego total, cerca de 33% dos trabalhadores tinham escolaridade inferior ao ensino fundamental completo, situação pior do que a encontrada no mesmo setor do Estado, em que aproximadamente 20% dos trabalhadores não haviam concluído o ensino fundamental.

Na construção civil estavam os trabalhadores menos escolarizados: em 1997, no Corede, cerca de 70% deles não tinham o ensino fundamental completo; no Rio Grande do Sul, em situação pouco melhor, os trabalhadores que não concluíram o ensino fundamental representavam cerca de 67%.

Ainda que em condição um pouco superior à da construção civil, a indústria de transformação do Corede mostrou, ao longo de toda a série, forte presença de indivíduos com baixos níveis de escolaridade. Em que pese a evolução positiva registrada, a condição de escolaridade, em 1997, mostrava-se ainda bastante preocupante. A participação dos trabalhadores sem o ensino fundamental completo, mesmo tendo caído cerca de 14 pontos percentuais, entre 1989 e 1997, persiste majoritária, alcançando, em 1997, cerca de 64%; a participação dos trabalhadores mais escolarizados revela incremento, atingindo, em 1997, cerca de 22% para os com ensino fundamental completo, em torno de 11% para os com ensino médio completo e, aproximadamente, 3% para os com curso superior completo. Comparativamente ao Estado, que também teve avanços no setor, vê-se que o Corede se mantém em pior situação. Na indústria de transformação do Rio Grande do Sul, em 1997, do total de trabalhadores, cerca de 58% não tinham o ensino fundamental completo, aproximadamente 26% haviam concluído o ensino fundamental, em torno de 13% tinham completado o ensino médio e cerca de 3% tinham curso superior completo.

Na indústria de transformação, em todo o período, a escolaridade das mulheres é um pouco pior do que a dos homens (Tabela 7). No Corede, em 1997, do total de mulheres, cerca de 68% não tinham o ensino fundamental completo, enquanto, para os homens, a participação no mesmo nível de escolaridade era de 62,5%. Nos níveis mais elevados, persiste a vantagem masculina. Também na indústria de transformação do Estado, encontra-se uma pequena vantagem dos homens em termos de escolaridade — em 1997, do total de homens, cerca de 57% não tinham concluído o ensino fundamental, enquanto as mulheres sem o fundamental completo representavam em torno de 59% do total de trabalhadoras.

Tabela 7

Distribuição percentual dos trabalhadores da indústria de transformação, por níveis de escolaridade e por sexo, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul — 1989 e 1997

DISCRIMINAÇÃO	1989			1997		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Corede Vale do Rio dos Sinos						
Analfabeto	1,15	1,92	2,22	1,30	0,86	1,15
Ensino fundamental incompleto	63,10	77,92	75,83	61,20	67,01	63,10
Ensino fundamental completo	21,88	12,81	13,96	23,04	19,48	21,88
Ensino médio completo	11,19	5,83	6,06	11,60	10,33	11,19
Superior completo	2,58	0,82	1,27	2,75	2,24	2,58
Ignorado	0,11	0,70	0,67	0,12	0,08	0,11
TOTAL DO COREDE	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Rio Grande do Sul						
Analfabeto	2,40	2,31	2,37	1,35	1,15	1,29
Ensino fundamental incompleto	67,71	71,07	68,87	56,14	58,24	56,81
Ensino fundamental completo	17,91	16,08	17,27	26,20	24,65	25,70
Ensino médio completo	8,55	7,86	8,31	13,20	13,31	13,23
Superior completo	2,50	1,52	2,16	2,94	2,49	2,80
Ignorado	0,93	1,16	1,01	0,18	0,15	0,17
TOTAL DO ESTADO	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS (1989,1997). Brasília : Ministério do Trabalho e Emprego. (CD de uso interno).

A pior condição de escolaridade dos trabalhadores da indústria de transformação do Corede comparativamente aos do mesmo setor no Estado deve-se à grande concentração de trabalhadores na indústria de calçados, segmento em que, pelo menos até o período recente, a baixa escolaridade dos trabalhadores não era empecilho ao desempenho das funções.

Analisando-se, então, a evolução da escolaridade por subsetores de atividade da indústria de transformação, constata-se que a indústria de material elétrico e de comunicações esteve sempre na dianteira, contando com trabalhadores mais escolarizados do que a média do setor. No extremo oposto, encontra-se a indústria de calçados, que foi o segmento que contou com os trabalhadores (homens e mulheres) com piores níveis de escolaridade tanto no Rio Grande do Sul como no Corede. Apesar dos avanços, essa má condição persiste ao final do período. No Vale do Sinos, em 1997, do total de trabalhadores da indústria de calçados, cerca de 80% não tinham o ensino fundamental completo, aproximadamente 14% haviam concluído esse nível de ensino, em torno de 4% tinham o ensino médio completo, e cerca de 2% possuíam o curso superior completo. No Rio Grande do Sul, a situação não era muito diferente: cerca de 77% não haviam completado o ensino fundamental, em torno de 18% tinham o ensino fundamental completo, aproximadamente 5% completaram o ensino médio e apenas cerca de 1% tinha o superior completo (Tabela 8).

Ainda que, no segmento calçadista, os homens tenham apresentado melhores condições de escolaridade do que as mulheres, sua vantagem frente às mulheres era muito pequena.

Tabela 8

Distribuição percentual dos trabalhadores da indústria de calçados, por níveis de escolaridade e por sexo, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul — 1989 e 1997

DISCRIMINAÇÃO	1989			1997		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Corede Vale do Rio dos Sinos						
Analfabeto	1,63	1,58	1,61	0,68	0,58	0,63
Ensino fundamental incompleto	84,38	85,68	85,00	78,71	80,05	79,35
Ensino fundamental completo	10,01	9,41	9,73	14,06	14,02	14,04
Ensino médio completo	3,04	2,65	2,85	4,87	3,76	4,34
Superior completo	0,48	0,27	0,38	1,65	1,56	1,60
Ignorado	0,44	0,42	0,43	0,03	0,05	0,04
TOTAL DO COREDE ...	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Rio Grande do Sul						
Analfabeto	1,43	1,34	1,39	0,76	0,77	0,76
Ensino fundamental incompleto	3,77	84,77	84,28	74,42	76,04	75,24
Ensino fundamental completo	10,56	10,48	10,52	17,80	17,72	17,76
Ensino médio completo	3,27	2,68	2,97	5,82	4,43	5,12
Superior completo	0,49	0,26	0,37	1,18	1,01	1,09
Ignorado	0,49	0,47	0,48	0,03	0,04	0,03
TOTAL DO ESTADO ...	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS (1989,1997). Brasília : Ministério do Trabalho e Emprego. (CD de uso interno).

3 - A evolução do rendimento médio no Corede

Acompanhando a evolução do rendimento médio dos trabalhadores do Vale do Sinos, constata-se que o seu valor se manteve, excetuando-se o ano de 1994, sempre abaixo do rendimento médio do Estado, em toda a série estudada (Tabela 9).

No Corede, o rendimento médio dos trabalhadores, após passar por sucessivos recuos e avanços, chegou, em 1997, praticamente no mesmo patamar de 1989, registrando um leve aumento de apenas 0,75%, que fez com que seu valor passasse de R\$ 628,60 para R\$ 633,29. No Rio Grande do Sul, a variação total do rendimento médio dos trabalhadores foi um pouco mais significativa — cerca de 2% —, e fez com que o mesmo passasse de R\$ 680,04 em 1989 para R\$ 694,02 em 1997. Nos dois casos, o avanço registrado foi reflexo dos primeiros anos do Plano Real (1995 e 1996), quando os rendimentos médios registraram os maiores valores do período.

Tabela 9

Evolução do rendimento médio dos trabalhadores, por sexo, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul — 1989-97

DISCRIMINAÇÃO	1989 (R\$)	1990 (R\$)	1991 (R\$)	1992 (R\$)	1993 (R\$)
Corede Vale do Rio dos Sinos					
Homens	734,71	626,92	603,51	668,48	725,78
Mulheres	435,68	402,28	393,84	461,73	491,44
Total	628,60	546,69	528,89	592,67	637,40
Rio Grande do Sul					
Homens	778,11	667,03	618,62	699,98	716,40
Mulheres	522,49	480,22	430,67	520,80	539,65
Total	680,04	593,68	544,95	629,10	646,77
DISCRIMINAÇÃO	1994 (R\$)	1995 (R\$)	1996 (R\$)	1997 (R\$)	Δ% 1997/1989
Corede Vale do Rio dos Sinos					
Homens	682,35	733,31	740,54	718,52	-2,20
Mulheres	432,90	515,55	517,85	490,38	12,55
Total	590,63	650,67	654,89	633,29	0,75
Rio Grande do Sul					
Homens	665,57	776,60	787,97	767,03	-1,42
Mulheres	450,80	598,19	595,59	591,34	13,18
Total	580,56	704,45	708,91	694,92	2,19

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS (1989/1997). Brasília : Ministério do Trabalho e Emprego. (CD de uso interno).

NOTA: Rendimento médio, em 31 de dezembro, em valores reais, calculado com base no IPC-IEPE, a preços de novembro de 1999.

Os menores valores de rendimento médio encontrados no Vale do Sinos, comparativamente ao agregado estadual, devem-se, em larga medida, ao grande peso da indústria de calçados no emprego da região, já que, nesse subsetor, os rendimentos médios se mantêm bastante baixos, operando ainda como importante fator competitivo para o segmento.

O rendimento médio dos homens e das mulheres mostrou diferentes variações ao longo do período. Para os trabalhadores do sexo masculino, o rendimento médio passou de R\$ 734,71 em 1989 para R\$ 718,52 em 1997, registrando uma queda de 2,20%. As mulheres lograram um importante aumento (12,55%) no rendimento médio, que atingiu R\$ 490,38 em 1997, mas, ainda assim, manteve-se abaixo do rendimento médio total da região.

Em que pese às variações diferenciadas, o rendimento médio dos homens do Vale do Sinos manteve-se, ao longo de todo o período, superior ao das mulheres. Em 1989, registrou-se o maior diferencial, quando os homens recebiam cerca de 68% mais do que as mulheres. A menor diferença aparece em 1995 — o rendimento dos homens era cerca de 42% superior ao das mulheres. Ao final do período, os homens tinham rendimento que superava o das mulheres em aproximadamente 46%.

Comparativamente ao rendimento médio do Rio Grande do Sul, verifica-se que, de maneira geral, o Vale do Sinos esteve em desvantagem, sendo que a maior diferença foi encontrada no rendimento médio das mulheres. Em 1997, o rendimento das mulheres no Rio Grande do Sul era cerca de 21% superior ao das trabalhadoras do Corede, enquanto, entre os homens, a diferença era de aproximadamente 7%.

A análise do rendimento do Corede por setores de atividade (Tabela 10) mostra que, no final do período, a indústria de transformação, a construção civil, o comércio e a agropecuária apresentavam variação positiva no rendimento médio dos trabalhadores.¹⁰ Ainda em 1997, o maior rendimento médio foi encontrado no setor serviços (R\$ 774,90). Nos demais, o rendimento médio ficou abaixo da média da região. A indústria de transformação tinha rendimento bastante próximo à média da região, registrando, em 1997, R\$ 630,67, um pouco abaixo do rendimento médio do mesmo setor no Rio Grande do Sul, que foi de R\$ 641,16.

¹⁰ Desconsideraram-se os valores de rendimento médio para extrativa mineral e para serviços industriais de utilidade pública, já que, nesses setores, os dados mostraram descontinuidades importantes, que inviabilizaram a sua análise. Tais incongruências devem-se, provavelmente, a algum erro na base RAIS.

Tabela 10

Rendimento médio dos trabalhadores, por setor de atividade e por sexo, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul — 1989 e 1997

DISCRIMINAÇÃO	1989			1997		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Corede Vale do Rio dos Sinos						
Extrativa mineral	390,66	202,57	385,84	899,46	890,28	895,53
Indústria de transformação	689,69	389,06	583,58	735,57	416,95	630,67
Serviços industriais de utilidade pública	2 546,55	1 684,84	2 450,09	385,48	152,10	334,35
Construção civil	429,25	385,84	426,03	496,93	491,69	495,62
Comércio	591,62	376,19	509,63	616,25	432,69	548,07
Serviços	889,04	643,07	805,44	882,42	643,78	774,90
Administração pública	932,45	448,54	710,59	572,98	483,82	516,60
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	717,02	390,66	586,80	687,05	422,20	628,05
Outros/Ignorado	540,18	332,79	453,36	326,48	335,66	330,41
TOTAL DO COREDE	734,71	435,68	628,60	718,52	490,38	633,29
Rio Grande do Sul						
Extrativa mineral	387,45	424,42	389,06	597,89	734,25	612,32
Indústria de transformação	699,34	374,59	586,80	736,88	436,62	641,16
Serviços industriais de utilidade pública	2 315,04	1 808,63	2 239,48	907,33	679,19	867,99
Construção civil	432,46	414,78	432,46	513,98	624,12	521,85
Comércio	522,49	363,33	461,40	532,33	402,53	481,20
Serviços	987,11	699,34	876,18	954,53	685,74	827,35
Administração pública	897,08	596,45	736,31	1 046,31	700,16	840,46
Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca	421,21	286,17	395,49	384,17	415,64	389,42
Outros/Ignorado	614,13	369,76	517,67	321,24	232,08	280,59
TOTAL DO ESTADO	778,11	522,49	680,04	767,03	591,34	694,92

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS (1989, 1997). Brasília : Ministério do Trabalho e Emprego. (CD de uso interno).

NOTA: Rendimento médio, em 31 de dezembro, em valores reais, calculado com base no IPC-IEPE, a preços de novembro de 1999.

Em todos os setores de atividade, os homens tinham rendimento médio superior ao das mulheres, pouco se alterando a diferença ao longo do período. A administração pública foi o setor que, em 1989, registrou a maior desigualdade: os homens tinham rendimento médio cerca de duas vezes superior ao das mulheres. Nesse setor, ocorre uma marcante alteração nesse diferencial de remuneração: em 1997, ele se reduz para cerca de 8%, favorável aos homens.¹¹

Em 1997, a indústria de transformação era o setor que ostentava a maior diferença salarial entre homens e mulheres: o rendimento dos homens era cerca de 76% superior ao das mulheres. Também no Rio Grande do Sul, a indústria de transformação marcava, em 1997, uma diferença importante, mas menor do que no Corede, entre o rendimento médio de homens e mulheres — cerca de 68%.

Focalizando mais atentamente a indústria de transformação do Corede, vê-se que o rendimento médio do setor apresentava, no final do período, uma variação positiva de cerca de 8%, mais elevada, portanto, do que a variação total do rendimento médio do Corede (0,75%) e um pouco inferior à experimentada pela indústria de transformação gaúcha, que foi de aproximadamente 9%. O rendimento médio dos homens e o das mulheres, nesse setor, tiveram praticamente a mesma variação positiva no período: 6,65% para os primeiros e 7,17% para elas.

Na indústria de transformação do Rio Grande do Sul, o crescimento do rendimento médio de homens e mulheres foi bastante diferenciado e, no caso das mulheres, bastante superior ao registrado no Corede. As trabalhadoras do setor tiveram, no Estado, aumento da ordem de 16% no seu rendimento médio, enquanto, para os homens, o aumento foi de cerca de 5%.

Os baixos rendimentos médios registrados na indústria de transformação do Corede podem ser associados, em parte, às baixas remunerações praticadas na indústria de calçados, que, por sua elevada participação no setor, acaba por influenciar o rendimento médio total. O baixo custo da mão-de-obra ainda é um dos elementos importantes para a competitividade da indústria calçadista.

Ao longo de todo o período, o rendimento da indústria de calçados foi o mais baixo dentre todos os subsetores de atividade da indústria de transformação, registrando leve decréscimo (cerca de 0,7% entre os anos extremos do período), o que fez com que o rendimento médio passasse de R\$ 435,68 em 1989 para R\$ 432,69 em 1997. Comparativamente ao mesmo subsetor do Rio Grande do Sul, percebe-se uma pequena vantagem para o Corede, cujo rendimento médio total, em 1997, era cerca de 8% superior ao do Estado (Tabela 11).

¹¹ Não se encontra nenhuma explicação plausível para entender os diferenciais de rendimento médio de homens e mulheres na administração pública entre 1989 e 1997 e, por isso, recomenda-se cautela na sua interpretação. Acredita-se tratar-se de problemas na base RAIS.

Tabela 11

Rendimento médio dos trabalhadores da indústria de transformação, por subsetores de atividade e por sexo, no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Rio Grande do Sul — 1989 e 1997

(R\$)

DISCRIMINAÇÃO	1989			1997		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Corede Vale do Rio dos Sinos						
Produtos minerais não-metálicos	549,82	491,95	546,61	694,92	704,10	696,23
Metalúrgica	763,64	493,55	731,49	812,92	584,78	786,70
Mecânica	1 044,99	675,22	999,97	1 130,23	892,91	1 104,00
Material elétrico e de comunicações ..	1 257,20	694,51	1 091,61	1 312,48	622,81	1 124,98
Material de transporte	662,36	421,21	635,03	1 025,33	670,01	983,38
Madeira e mobiliário	545,00	326,36	506,42	565,11	453,66	536,27
Papel, papelão, editorial e gráfica	620,56	382,63	532,14	722,45	519,22	660,83
Borracha, fumo, couros, peles e produtos similares	636,64	393,88	577,15	591,34	422,20	550,69
Química, produtos farmacêuticos, veterinários, perfumes, sabões, velas e material plástico	1 056,24	459,79	871,36	953,22	531,02	831,28
Têxtil, vestuário e artefatos de tecidos	885,83	379,41	556,25	608,38	369,75	462,84
Calçados	504,81	358,51	435,68	507,42	351,39	432,69
Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	811,87	411,56	707,37	820,79	413,02	687,05
TOTAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO COREDE	689,69	389,056	583,58	735,57	416,95	630,67
Rio Grande do Sul						
Produtos minerais não-metálicos	440,50	401,92	435,68	469,40	481,20	469,40
Metalúrgica	787,76	527,32	742,74	837,84	655,58	808,99
Mecânica	882,61	562,68	832,77	928,31	656,90	890,28
Material elétrico e de comunicações ..	1 020,87	496,77	823,13	1 400,33	1 110,56	1 304,61
Material de transporte	1 085,18	744,35	1043,38	1 110,56	894,22	1 088,27
Madeira e mobiliário	430,86	337,61	409,96	454,98	397,28	443,17
Papel, papelão, editorial e gráfica	803,83	446,93	702,55	744,74	575,60	694,92
Borracha, fumo, couros, peles e produtos similares	657,54	371,37	570,72	711,96	451,04	637,23
Química, produtos farmacêuticos, veterinários, perfumes, sabões, velas e material plástico	1 184,85	487,12	988,72	1 126,29	559,87	957,15
Têxtil, vestuário e artefatos de tecidos	731,49	356,90	456,58	642,47	347,46	422,20
Calçados	474,26	337,61	405,13	475,95	329,10	401,22
Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	590,01	284,56	480,69	642,47	388,11	559,87
TOTAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO	699,34	374,59	586,80	736,88	436,62	641,16

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS – RAIS (1989, 1997). Brasília : Ministério do Trabalho e Emprego. (CD de uso interno).

NOTA: Rendimento médio, em 31 de dezembro, em valores reais, calculado com base no IPC-IEPE, a preços de novembro de 1999.

O rendimento médio dos homens e das mulheres na indústria calçadista do Corede também apresentava diferenciações. Em 1989, os homens tinham rendimento médio cerca de 41% superior ao das mulheres (R\$ 504,81 contra R\$ 358,51). Ao longo do período, o rendimento médio masculino teve melhor evolução do que o feminino, registrando crescimento de 0,6% frente à diminuição de cerca de 2% no rendimento delas. Como decorrência, a vantagem masculina ampliou-se para cerca de 44% em 1997.

Também na indústria de calçados do Rio Grande do Sul, em 1997, o rendimento médio dos homens era superior ao das mulheres, registrando um diferencial de cerca de 45%, com rendimentos médios de R\$ 475,95 para eles e de R\$ 329,10 para elas. Também aqui a evolução do rendimento médio dos homens foi melhor do que o das mulheres. Os homens chegaram em 1997 com, praticamente, o mesmo rendimento médio de 1989 (variação de 0,35%), enquanto as mulheres tiveram uma perda da ordem de 2,5%, superior à do subsetor, que foi de 0,97%.

4 - Considerações finais

O Corede Vale do Rio dos Sinos mostrou, no período compreendido entre 1989 e 1997, um recuo de cerca de 15% no emprego formal, superando aquele registrado pelo agregado estadual, que, no mesmo período, foi de cerca de -6%.

A evolução do emprego no Corede mostrou diferentes variações nos setores de atividade. A indústria de transformação foi o setor que maior retração sofreu no período (-30,10%), com uma diminuição de cerca de 47.500 postos de trabalho, número que supera o total líquido de postos de trabalho eliminados na região (41.184). O segmento produtor de calçados foi o grande responsável pela retração do emprego industrial no Corede: com uma diminuição de quase 32.000 postos de trabalho, respondeu por cerca de 67% das vagas fechadas no setor e por 77% do total de postos de trabalho eliminados no Corede, no período analisado.

Não menos importante foi o impacto da retração de oportunidades de emprego evidenciada pela indústria de transformação e, mais especialmente, pelo segmento produtor de calçados do Vale do Sinos sobre o emprego estadual. Também no Rio Grande do Sul, a indústria de transformação foi o setor com maior redução no contingente de trabalhadores, concentrada, especialmente, no subsetor produtor de calçados. Do total de vagas eliminadas pela indústria de calçados gaúcha, cerca de 66% deveram-se à redução experimentada pelo subsetor no Vale do Sinos. Além disso, a redução de postos de trabalho na indústria de calçados do Corede representou cerca de 27% do total das vagas eliminadas no Estado.

A evolução do emprego de homens e mulheres, no Corede, mostrou variações diferenciadas ao longo do período, evidenciando um decréscimo mais acentuado para o contingente masculino (-17,65% contra -11,03%), que, ainda assim, se manteve com participação majoritária, representando, em 1997, 62,53% do mercado formal de trabalho. Comparativamente ao total do Estado, nota-se, no Corede, uma maior participação de homens, o que se associa ao maior peso da indústria na região. Na indústria de transformação do Corede, contrariando o movimento do emprego total, o contingente feminino teve maior decréscimo do que o masculino (cerca de -35% contra -27%). A indústria de calçados mostrou reduções semelhantes para homens e mulheres, com variações de -42,83% para os primeiros e de -41,98% para elas.

No que diz respeito à evolução da escolaridade dos trabalhadores, observa-se que, ainda que tenham ocorrido significativos avanços no período, no Corede, o nível de escolaridade dos empregados formais mantém-se abaixo da média do Rio Grande do Sul e distante de um patamar que se possa considerar satisfatório. Em 1997, a maior parcela dos trabalhadores do Corede (cerca de 53%) sequer havia concluído o ensino fundamental, enquanto, no Estado, os trabalhadores sem o ensino fundamental completo correspondiam a aproximadamente 41% do total.

Ao que tudo indica, a melhoria do perfil de escolaridade dos empregados formais do Corede deveu-se à forte retração do emprego, que atingiu, preferencialmente, os contingentes menos escolarizados, mostrando, assim, a seletividade dos cortes praticados.

A indústria de transformação é um dos setores com pior nível de escolaridade no Corede: em 1997, cerca de 64% de seus trabalhadores não haviam concluído o ensino fundamental, situação mais crítica do que a do setor no Rio Grande do Sul, em que cerca de 58% dos trabalhadores não tinham completado o ensino fundamental.

O pior nível de escolaridade da indústria de transformação do Corede, comparativamente ao Estado, deve-se à forte presença do subsetor calçadista, que concentra os trabalhadores menos escolarizados do setor: aproximadamente 80% deles tinham escolaridade inferior ao ensino fundamental completo.

No que diz respeito ao rendimento médio dos trabalhadores, observa-se que, de modo geral, o Corede apresentou valores inferiores aos do Estado, atingindo, em 1997, R\$ 633,29. Apesar do maior avanço registrado pelo rendimento médio das mulheres (12,55% contra -2,20% dos homens), elas tiveram menor rendimento médio do que os homens ao longo de todo o período.

O baixo rendimento dos trabalhadores do Corede frente ao dos do Estado pode ser visto como decorrência dos baixos salários praticados na indústria de transformação, mais especificamente no subsetor calçadista do Vale do Sinos,

que, por sua elevada participação no emprego regional, acaba por influenciar o seu rendimento médio total. A indústria de calçados apresentou, durante todo o período, o mais baixo rendimento médio da indústria de transformação. Nesse segmento produtivo, configura-se importante disparidade entre os rendimentos de homens e de mulheres: em 1997, observa-se um diferencial de cerca de 44%, favorável aos homens.

Finalmente, aproveita-se para alertar, uma vez mais, a respeito do caráter preliminar dos dados apresentados, que, por isso, devem ser tomados como indicativos do movimento do emprego na região. Apesar dos problemas detectados na RAIS, considera-se essa base como uma importante fonte de dados para prosseguir na análise dos demais Coredes. Entretanto, para a obtenção de um quadro mais completo a respeito da realidade do emprego regional, sugere-se que, na medida do possível, se incorporem aos dados da RAIS outros provenientes de pesquisa de campo. Espera-se, assim, contribuir com o poder público na tomada de decisões, tanto no que se refere aos programas de geração de emprego como aos programas de qualificação e requalificação da mão-de-obra.

Bibliografia

- COSTA, Achyles B. (1993). Competitividade da indústria de calçados: nota técnica setorial do complexo têxtil. **Relatório para o estudo da competitividade da indústria brasileira**. Campinas : UNICAMP/IE; UFRJ/IEI.
- COSTA, Achyles B., FLIGENSPAN, Flávio B. (1997). **Avaliação do movimento de realocação industrial de empresas de calçados do Vale dos Sinos**. Porto Alegre (mimeo).
- COSTA, Beatriz M. (1995). **Os impactos do progresso técnico sobre o emprego, a qualificação e as relações de trabalho um estudo de caso na indústria de calçados do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : UFRGS/IFCH. (Dissertação de mestrado).
- RIBEIRO, Rosana (1999). Salários, programa de participação nos lucros e resultados e o ajuste produtivo: um estudo de caso na indústria de calçados do sul. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO, 6. **Anais...** ABET.

STERNBERG, Sheila S. Wagner, JORNADA, Maria Isabel H., XAVIER SOBRINHO, Guilherme G. de F. (2000). O emprego formal no RS, nos anos 90: diferenciais na retração. **Indicadores FEE**, Porto Alegre, v.27, n.4, p.209-248.

XAVIER SOBRINHO, Guilherme G. de F. (2000). Um "instantâneo" do mercado gaúcho ao final dos anos 90. **Indicadores FEE**, Porto Alegre, v.27, n.4, p.249-264.